

# O item ‘trouxa’ no português usado no Twitter

## *The item trouxa in Portuguese used in Twitter*

Aléxia Teles Duchowny\*

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil

Caroline de Oliveira Silva\*\*

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil

**Resumo:** Objetiva-se analisar o item *trouxa* da língua portuguesa, que apresenta, atualmente, pelo menos dois significados: o etimológico de *embrulho* ou *carga* e o inovador de *pessoa boba*, *fácil de ser ludibriada*. O item sofreu um processo de “pejorização” pelos seus usuários, fenômeno descrito pela Linguística semântica em que a palavra passa a ter uma avaliação negativa. Assim, *trouxa*, termo para se referir a um objeto concreto até o século XIX, passa a fazer referência também para uma pessoa tola, feita de boba pelos outros. No *Twitter*, em que a língua escrita apresenta muitas características da oralidade, o uso do termo para se referir a alguém bobo é muito recorrente, apresentando variadas formas nominais.

**Palavras-chave:** Item *trouxa*. Semântica histórica. *Twitter*. Etimologia. Língua portuguesa.

**Abstract:** The aim is to analyze the item *trouxa* of the Portuguese language, which currently has at least two meanings: the etymological of “bundle (of clothes)” and the innovative of “silly person, easy to be deceived”. The item underwent a process of “pejoratization” by its users, a phenomenon described by Semantic Linguistics in which the word receives a negative evaluation. Thus *trouxa*, a term to refer to a concrete object until the nineteenth century, also refers to a foolish person, or made foolish by others. On *Twitter*, where the written language has many characteristics of orality, the use of the term to refer to someone silly is very recurrent, with various nominal forms.

**Keywords:** item *trouxa*; Historical Semantics; *Twitter*; Etymology; Portuguese language.

## 1 INTRODUÇÃO

*Eu troxo | tu troxas | ele/ela troxa | nós troxamos | vós troxais | eles/elas troxam.* (*Twitter*, 2015)

Levando-se em conta as mudanças causadas pelo tempo, pela sociedade, pela cultura e pelas necessidades individuais e coletivas dos falantes, o presente trabalho concentrou-se na análise do uso do item *trouxa* na língua portuguesa brasileira, tanto em seu uso inicial, etimológico, como substantivo, em casos como (o exemplo vem

---

\* Professora associada da Área de Estudos diacrônicos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, MG, Brasil; [alexiateles@letras.ufmg.br](mailto:alexiateles@letras.ufmg.br)

\*\* Graduanda da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, MG, Brasil; [oliveira.caroline.silva@gmail.com](mailto:oliveira.caroline.silva@gmail.com)

seguido do corpus ao qual pertence e o ano da edição do texto; *CdoP* refere-se ao *Corpus do português* de Davies (2006):

- (1) espedio-se Gonçalo Velho daquelles fidalgos, & os seus começaram de carregar daquelas **trouxas** que achavã pello campo, de que hii avia grande avomdamça, porque a frasca que os mouros llevavã easy toda ficou ally. (*CdoP*, séc. XV) (Os grifos dos exemplos são sempre nossos).
- (2) formava-se um novo renque de lavadeiras, que acudiam de fora, carregadas de **trouxas** (*CdoP*, 1890)
- (3) como que se mexe com essa **trouxa** de roupa (*Twitter*, 2019)

quanto como adjetivo, como em:

- (4) Mas precisava encontrar. Afinal de contas estava fazendo papel de **trouxa**. (*CdoP*, 1928)
- (5) calculando quantas vezes eu já fui **trouxa** e pensando quantas vezes mais eu vou ser (*Twitter*, 2019)

Além de adjetivo, o termo também pode ser encontrado como verbo e particípio passado:

- (6) E rogo-vos pola fé que a Deus devedes que logo mo dedes. Tomae-o, disse el. Muitas mercees, disse ela, e sabede que aquel por cujo amor o vós dades a mim vo-lo saberá bem galardoar e cedo. E ela **entrouxou** logo o corço em seu cavalo e quando Lançalot vio que se quiria partir (*CdoP*, séc. XV)
- (7) As pálpebras lívidas não se moviam; um negro, que **entrouxava** as ferramentas da crucificação, ia empurrá-la com brandura; ela emudecia, apertava desesperadamente o filho para que lho não levassem também (*CdoP*, séc. XIX)
- (8) Leua **entrouxados** os ossos de Joseph & cõ elles iraa pello deserto/& com elles chegara a terra da pregação Funebre. (*CdoP*, séc. XVI)

O item *trouxa* é utilizado com mais de um significado<sup>1</sup>, dependendo de seu contexto. Aqui, daremos ênfase aos dois significados mais recorrentes em uso na língua, o de *bobo* e o de *amontado de roupas*. Com o intuito de entender melhor a posição ocupada pelo item, este trabalho pretende responder a questões como: Quando o item ganhou mais de um significado? Qual(is) o(s) significado(s) do item, na língua portuguesa, ao longo de sua história? A hipótese é de que a palavra, inicialmente um substantivo sem conotação pejorativa, passa a ser usada com mais frequência como adjetivo de valor pejorativo. Ao se analisarem as ocorrências, fica clara a escolha por parte dos usuários de tal palavra como adjetivo de cunho negativo como os exemplificados abaixo, quando se quer ofender uma pessoa ou referir-se a ela de forma negativa:

- (9) Afinal de contas era mesmo um **trouxa**. Quando podia não quis. (*CdoP*, 1928)
- (10) Estava falando de um menino pro meu irmão e ele disse: “ele deve ser **trouxa**, **trouxa** com **trouxa** dá certo” (*Twitter*, 2019)

<sup>1</sup> Deixaremos de lado as questões relativas às diferenças entre sentido e significado, apesar de termos consciência de sua relevância para várias teorias (cf., por exemplo, Frege (1892) e Vigostski (1993)), por não ser o cerne do artigo. Os dois termos serão tratados por nós como sinônimos.

- (11) Movimento sem-teto cobrava aluguel de moradores que ocupavam prédio na Paissandu [...]. E ainda tem **trouxa** que acredita (*Twitter*, 2019)

Não se pode deixar de ignorar, ao se fazer esta investigação, o alerta de Riemer (1982, p. 373):

Unlike sound change, which seems to be governed by regular laws of great generality which were open to ‘scientific’ study, meaning change has often struck investigators as chaotic and particularistic. Since changes in words’ meaning are often determined by social-cultural factors, much meaning change is not even linguistically motivated<sup>2</sup>.

Assim, no processo de busca a uma resposta, lançou-se mão de uma análise semântico-diacrônica, amparada pela Etimologia (cf. Viaro, 2011, 2013a, 2013b), sem a qual o trabalho ficaria incompleto, para estudar o item *trouxa*, com o intuito de comparar os aspectos semânticos de cada época e apresentar cada significado encontrado para o item, que aparece como um substantivo e como verbo, e posteriormente também como adjetivo de cunho pejorativo, verbo e particípio passado nas ocorrências pesquisadas, como se verá a seguir.

Somos também motivados pelo alerta de Sweetser (1990, p. 2) de que “semantic work within the formal-semantic tradition has neglected the study of individual morphemes’ meanings in favor of examination of the compositional-semantic structure of larger phrasal and sentential units”<sup>3</sup>. Para a autora, isso poderia ser consequência de a maioria dos pesquisadores tenderem a pensar que encontrariam mais regularidade nas sentenças do que em palavras individualizadas. Assim, temos mais uma justificativa para se estudar o item. No entanto, o estudo não pode ser considerado exaustivo e esperamos fornecer mais informações sobre ele, no futuro.

Após uma sucinta seção sobre o arcabouço teórico escolhido, seguida da metodologia, indicaremos o caminho seguido por *trouxa* ao longo da língua portuguesa, para podermos descrevê-lo e analisá-lo, fechando-se com uma conclusão.

## 2 VARIAÇÃO E MUDANÇA SEMÂNTICA E ETIMOLOGIA

Bréal (1897) foi um dos precursores em delimitar categorias de mudança semântica, tais como especialização, generalização, melhoramento e “pejorização”, que ele chama de *tendances des mots* (“tendências das palavras”). Para se entender sobre cada uma dessas tendências, utiliza-se aqui Riemer (1982).

Na especialização (ou enfraquecimento, restrição), a abrangência da referência da palavra se estreita. Na generalização (ou alargamento), tendência oposta

<sup>2</sup> Tradução nossa: “Ao contrário da mudança sonora, que parece ser governada por leis regulares de grande generalidade, abertas a estudo “científico”, a mudança de significado frequentemente parece aos pesquisadores como caótica e difícil de ser generalizada. Pelo fato de as mudanças de significado serem usualmente afetadas por fatores socioculturais, muitas das mudanças de significado não são nem motivadas linguisticamente.”

<sup>3</sup> Tradução nossa: “trabalho semântico de tradição formal-semântica tem negligenciado o estudo dos significados de morfemas individuais em favor do exame da estrutura composicional-semântica de unidades frasais e sentenciais maiores.”

à especialização, o significado da palavra muda para abranger uma classe maior de referentes.

Na pejorativação (em inglês, *pejorization*), a palavra toma um significado avaliado como negativo, sendo o melhoramento o processo oposto, no qual a palavra passa a receber uma avaliação positiva. Alguns processos, no entanto, não cabem exatamente em uma das duas possibilidades. Assim, para resolver a questão, podemos entender os dois como tipos de mudança metonímica, sendo a metonímia “the process of sense development in which a word shifts to a contiguous meaning.”<sup>4</sup> (Riemer, 1982, p. 375), ocorrendo contiguidade quando os referentes dos significados contíguos estão próximos um do outro ou se os significados das palavras estão próximos conceitualmente.

O autor chama a atenção, também, para a metonímia, que pode abarcar a especialização e a generalização, além de outros tipos de mudança, e para a metáfora, baseada em similaridade e analogia, e não contiguidade. Ambas, metonímia e metáfora, agrupam todas as demais categorias descritivas.

Riemer (1982), entretanto, deixa claras as limitações dos conceitos acima e, na busca de explicações para a causa das mudanças semânticas, propõe enfatizar “how inferences generated in discourse become part of lexicalized word meaning”<sup>5</sup> (p. 379). Para o autor, a compreensão da mudança semântica deve ser feita por considerações pragmáticas, fatores baseados no discurso, e não levando-se em conta operações cognitivas abrangentes como metáfora e metonímia. Não podemos ignorar, porém, o fato de que nós, humanos, estruturamos a nossa percepção do mundo através das metáforas e metonímias (Lakoff; Johnson, 1980), e que novos significados das palavras são adquiridos com essa estruturação cognitiva (Sweetser, 1990, p. 9).

Uma mudança semântica envolve basicamente polissemia, termo cunhado por Bréal (1897, p. 154-155) conforme Victorri e Fuchs (1996, p. 11), para se referir a um “phenomène de multiplication” (“fenômeno de multiplicação”) em que “à mesure qu’une signification nouvelle est donnée au mot, il a l’air de se multiplier et de produire des exemplaires nouveaux, semblables de forme, mais différents de valeur”<sup>6</sup>. Por essa definição, fica evidente que a polissemia é um processo dinâmico de construção do significado. Já a implicatura é feita a partir do contexto e “o ouvinte participa ativamente na construção do significado do que ouve, preenchendo lacunas que o falante deixa em seu discurso” (Cançado, 2013, p. 150). Já com base em Riemer (1982, p. 380), uma palavra muda de significado da seguinte maneira:

$$A > A + B_{\text{implicado}} > A + B_{\text{polissêmico}} (> B)$$

O autor chama a figura acima “teoria da convencionalização da implicatura da mudança semântica”<sup>7</sup>. Como se pode ver, há estágios intermediários entre o significado inicial A e significado final B, caso a mudança efetivamente ocorra. A

<sup>4</sup> Tradução nossa: “o processo de desenvolvimento do sentido no qual uma palavra muda para um sentido contíguo.”

<sup>5</sup> Tradução nossa: “como as inferências geradas no discurso tornam-se parte do significado da palavra lexicalizada.”

<sup>6</sup> Tradução nossa: “na medida em que uma nova significação é dada à palavra, ela parece se multiplicar e produzir exemplares novos, semelhantes em forma, mas diferentes de valor.”

<sup>7</sup> No original: “The conventionalization of implicature theory of semantic change.”

adição de um ou mais significados, resulta em polissemia, é mais comum do que a perda do significado inicial. Esses estágios entre A inicial e B final podem ser evidenciados pelos dados históricos, fonte de informação para a reflexão da estrutura cognitiva na linguagem (Sweetser, 1990).

Para melhor se entender o esquema acima, Riemer (1982) se utiliza de tendências gerais de mudança semântica propostas por Traugott (1989), a internalização semântica e a subjetificação. Traugott (1989, p. 34) chama de *internalização semântica* o processo em que um significado baseado em uma situação externa se transforma em outro baseado em uma situação avaliativa/perceptual/cognitiva. Assim, observam-se mudanças do concreto para o abstrato, como palavras utilizadas para propriedades concretas são estendidas para denotar abstratas. Quanto à subjetificação, o significado cada vez mais tende a basear-se nas crenças/atitudes subjetivas do falante, sendo o melhoramento e a pejorativação exemplos claros do fenômeno.

Aplicando-se a proposta acima para o item *trouxa*, veremos, a seguir, que sofre tanto o processo de internalização semântica, submetido à mudança de [-concreto] > [+concreto], quanto o de pejorativação, em que fatos observáveis – uma trouxa como um objeto frequentemente desajeitado para se carregar ou levar – passam a aproximar-se de opinião/sentimento mais subjetivo: uma pessoa *trouxa* é aquela de pouca inteligência, que é levada na conversa de qualquer um.

O uso da diacronia e da etimologia para a análise de *trouxa* decorre de estarmos de acordo com Sweetser (1990, p. 3) quando afirma que não ser possível descrever e explicar mudanças de significado sem se fazer referência a elas. O nosso objetivo é, como o da autora, de dar “a motivated account of the relationships between senses of a single morpheme or word, and of the relationships between historically earlier and later senses of a morpheme or word.”<sup>8</sup>

### 3 METODOLOGIA

Para este trabalho, foram utilizados dois *corpora* distintos em grau de formalidade e marcas de oralidade. O primeiro trata-se do *Corpus do português (CdoP)* de Mark Davies (2006) e o segundo foi montado a partir da rede social *Twitter*, que permite a seus usuários de enviar textos de até 280 caracteres, por meio do site do servidor, a outros usuários seguidores.

Estas seleções se devem ao fato de o *CdoP* apresentar textos escritos dos séculos XIII a XX, de variados gêneros, e o *Twitter* situar-se em um polo oposto, já que seus textos são escritos, do século XXI, porém com fortes marcas de oralidade e espontaneidade, sem possibilidade de revisão. Nesta rede social, a coloquialidade é marcante e a escrita aproxima-se consideravelmente às respectivas falas cotidianas dos usuários. Assim, foi possível selecionar e comparar ocorrências bastante heterogêneas, permitindo uma maior aproximação com o uso real de *trouxa* na contemporaneidade.

---

<sup>8</sup> Tradução nossa: “uma descrição motivada das relações entre os sentidos de um único morfema ou palavra, e das relações entre sentidos historicamente mais antigos e mais recentes de um morfema ou palavra.”

Os dados coletados contêm diversas características e campos disponíveis para análises distintas. Foi necessário um recorte que excluiu fatores sociolinguísticos de difícil ou impossível verificação como gênero, grupo social e faixa etária dos usuários do *Twitter*, mesmo que se saiba a sua influência no uso e na ortografia dos itens em estudo. O foco foi na comparação entre o uso informal contemporâneo do item *trouxa* e suas ocorrências na escrita da língua portuguesa, sendo realizada uma análise diacrônica para se observar a evolução da palavra. Tal recorte foi realizado levando em consideração as limitações de informações sobre os indivíduos dos *corpora* e de extensão do trabalho. Portanto, fica em aberto um material para futuros trabalhos.

Para a análise dos contextos de *trouxa* e cognatos, foram elaboradas tabelas, nas quais estão incluídas também as ocorrências com *-cb-*, no lugar de *-x-*, sem diferenciação entre elas, por não ser o foco da pesquisa.

Para se entender o percurso histórico de *trouxa* e seus cognatos, pesquisaram-se, também, dicionários da língua portuguesa de diferentes períodos, com o intuito de encontrar os distintos significados e as descrições dos itens.

#### 4 PERCURSO DO ITEM TROUXA

Bento Pereira (1697), ao definir *sarcina*, apresenta *trouxa* como um de seus sinônimos e pode-se ver que a definição apresenta pejoratização: “Sarcina, ae. f. g. A carga, o cargo, trouxa, fardo, fato, fardel, & c. item pezo, & carga inútil [...]”<sup>9</sup>.

Todos os autores pesquisados, citados em seguida, são unânimes em afirmar que port. *trouxa* < esp. *troja*. Assim, justifica-se verificar os significados do termo em espanhol. Conforme o DLE (2019), *troja* é de origem incerta, e apresenta duas definições, ambas em desuso: sob a forma *troj*, ainda usada em países de língua espanhola fora da Espanha. 2. Alforje, “talega” (“surrão”, “bolsa” ou “sacola”) ou mochila. Já Corominas (1954, p. 596) informa que, em espanhol, *troja* é de origem incerta e que em vários países latino-americanos utiliza-se a forma desusada *troj*. Também é forma desusada para se referir a “alforja, talega o mochila”, isto é, *alforje*, *saco* ou *mochila*, respectivamente, informação semelhante à do DLE. O autor afirma que, no século XV encontra-se, em espanhol, o verbo *entroxar* e alerta para a confusão que alguns dicionários fazem entre *troj* e *troja*: enquanto um tem relação com “guardar, armazenar”, o outro tem de “carga levada nas costas, de um homem ou animal”.

Em relação à língua portuguesa<sup>10</sup>, Lorenzo (1968 apud DDGM) afirma que *trouxa* tem ocorrência já no séc. XV<sup>11</sup>, não explicitando seu significado no período.

Para Cunha (1982), *trouxa* significa “sf. ‘fardo de roupa’ ‘grande pacote’ XVI. Do a. cast. troja, troxa || Entroujar 1813 || Trouxado || XIV, tro- XV.”. Aqui

<sup>9</sup> No espanhol atual, o DLE apresenta um verbete para *sarcia*: “Del gall. sarcia y este del lat. sarcina. 1. F. Carga, fardaje.”

<sup>10</sup> Rubim (1853) foi consultado, mas o item e/ou seus cognatos não foram encontrados.

<sup>11</sup> Em galego atual, *trouxa* tem dois significados: 1. fardo de roupa e 2. “trouxadeira” (“ervas retorcidas, colocada no lombo de um animal, para aliviar o peso de uma carga”) (González, 2012).

temos uma informação de algum interesse: já no século XIX, o autor encontra o verbo e uma forma de particípio passado de *trouxa*.

Cunha (2014) encontra duas ocorrências de *trouxas*, no plural, no século XV, podendo-se inferir pelo contexto de que trata de algum tipo de carga ou embrulho.

Em Bluteau (1789, p. 540), duas derivações do item *trouxa* foram encontradas: entrouxado: part. pass. de entrouxar. “O Sacerdote está como entrouxado em uns panos”; II) entrouxar: v. meter na *trouxa*; dar feição de *trouxa*; ou fazer *trouxa* de alguma roupa.

Silva (1789, p. 496), indica que trouxa é “envoltorio com roupa, ou fato”, “telhado” e “doce de ovos”.

Em Figueiredo (1913, p. 2029), tem-se: “troixa: f. Fardo de roupa; grande pacote. Prov. beir. mulher desajeitada e mal procedida. (Colhido na Guarda). M. Trampolineiro, pulha. Cf. Camillo, Hist. e Sentim., 164”. O mesmo afirma Freire (1940).

Bueno (1974, p. 4103) indica três significações para o termo: “Trouxa: - ‘adj. Bobo, tonto, tolo, pacóvio’ e “Trouxa: - s. f. mala de roupa, roupa ajuntada e amarrada, quase sempre para ir à lavagem. Doce de ovos batidos e enrolados, uma das delícias da doçaria portuguesa em Caldas da Rainha. Do esp. troja, com ditongação em português trouxa, que se vai ligar ao fr. *trousse*, cousa torcida, enrolada, do lat. *torsus*, torsa, part. pass. de *torquere*, *torcer*”. Seus derivados no dicionário são: I) Trouxice: - s.f. Tolice, ingenuidade, acção própria de trouxa. Suf. ice do lat. *ities*. II) Trouxismo: - s. m. Palermice, inépcia, estultícia, estado de quem é trouxa e dele fazem o que querem. Suf. ismo.

No verbete *trouxa* de Houaiss (2009) aparecem: I) subs. feminino; embrulho, ger. feito com pano, para guardar ou transportar objetos; *trouxo*; grande embrulho; conjunto de pertences; II) Regionalismo: Paraíba. Uso: tabuísmo. Órgão genital masculino; pênis; III) N. adjetivo de dois gêneros e substantivo de dois gêneros: que ou quem é facilmente iludido ou ludibriado; tolo. A etimologia do item segundo o dicionário é “esp. troja, regr. de trojar ‘dispor em forma de carga sobre uma pessoa ou animal’.”

Em Ferreira (1975, p. 1415), o significado é de “trouxa: s.f. Fardo de roupa; grande pacote; mulher desajeitada e mal vestida ou procedida; adj. 2 gên. e s. 2 gên. (gír.) diz-se de, ou pessoa tola, sem habilidade, sem expediente, fácil de ser enganada. Forma paral.: *troixa*. Há também verbetes para *trouxe-move* “desordenadamente” e *trouxinha*, gíria para “embrulho de maconha”.

Fernandes (1995, s/p) indica duas significações e sua origem ortográfica apresentada em 1913, *troixa* também apareceu: I) s. f. Roupa enrolada ou enfardada; pacote grande; adj. e s; II) gên. diz-se da pessoa tola, que se deixa enganar facilmente. Var.: *troixa*.

Borba (2002, p. 1583) tem a seguinte definição: “trouxa Nf 1 fardo de roupa: *Isabel entra com uma trouxa de roupas* (IN); *a pequena trouxa de panos que caminha a mão do alcaide* (BOI) 2 pacote: *o velho traz uma pequena trouxa* (CCI).” OU “troxa 2 Adj. [Qualificador de nome animado] 1 tolos, bobo: *Não sou trouxa* (AB); *Ninguém é trouxa* (CB) N 2 pessoa tola ou inábil: *o trouxa fica fascinado* (GA); *A Maria é uma trouxa* (NC)”. “Trouxice: Nf (Coloq) [Abstrato de estado] tolíce; bobeira: *Mas não vamos fazer*

de nossas células atestadas de “trouxice” prestando atenção aos abutres de televisão que montarão em cima deste cadáver em ridículo aproveitamento próprio (EMB); só nos resta utilizar as várias boras diárias de trânsito adicional, concebidas gentilmente pelo Maluf, para refletir sobre nossa trouxice coletiva (FSP)”.

No verbete de “trouxa” de Heckler (1984, p. 284), encontramos *entrouxar*, *entrouxo*, *trouxa* e *trouxe-moxe* ou *troche-moche*. A origem seria do espanhol *troja* (trouxa) e indicam o antigo *troçar* > francês antigo *torser* > latim *torsus* > *torquere*.

Borba (1990, p. 641), sobre o verbete *entrouxar*, indica dois significados. Para o primeiro, afirma que o complemento deve ser concreto e que o verbo significa “fazer a trouxa de, meter em trouxa, empacotar”. Já o segundo “significa jogar-se como trouxa, deixar-se cair como trouxa”.

Moreno (1949) é o dicionário pesquisado mais completo sobre o termo e palavras afins. Aponta três verbetes para *trouxa*: (1) “fardo de roupa; roupa enrolada ou empacotada” [...] || Provinc. Mulher desajeitada e mal vestida. || Gir. Cabeça, entre gatunos. Pleb. O órgão sexual masculino.” Além do mais, indica algumas expressões com o termo: “arrumar as trouxas”, “fazer a trouxa” e “Bras. Gir. Pisar na trouxa, ficar furioso.” (2) “adj. 2 gén. Gir. Tolo pacóvio, ingénuo” [...] || Gir. Ser trouxa, ser tolo, deixar-se enfanar facilmente. || Ser fraco, mole, não saber aproveitar as ocasiões.” (3) “Pulha, trampolineiro [...] || Tolo pacóvio.” (p. 314) Observe-se que os significados (2) e (3) são muito próximos um do outro. Mesmo assim, o autor preferiu manter as duas definições. Também há verbetes para “trouxada” (“grande trouxa”), “trouxado” (“Metido em trouxa ou envoltório”), “trouxão” (“Grande trouxo”), “trouxas de ovos” (“Doce de ovos Feito em rolos compridos”), “trouxe” (“O mesmo que trouxa”), “trouxe” (Ant. O mesmo que trouxa), “trouxe-mouxe” (“Usado na loc. adv. A trouxe-mouxe, a esmo, ao acaso, em desordem, atabalhoadamente”), “trouxice” (“Trouxinha” (p. 315).

Taunay (1914, p. 210): “adj. S. m. (gir.). Fraco, molle, que não sabe aproveitadas as ocasiões. ‘Perdeste o negócio por teres sido trouxa’”<sup>12</sup>.

Com base nos dados obtidos por meio dos dicionários acima, é possível verificar a versão de *trouxa* com significado de “embrulho de roupa e/ou objetos pessoais”, “carga a ser carregada por algo ou alguém” a partir do século XV. Figueiredo (1913) é o dicionário mais antigo em que *trouxa* aparece como pessoa boba (“Trampolineiro, pulha”). A partir de Moreno (1949), percebe-se o desaparecimento do item para designar ou referir-se a uma mulher desajeitada e, em contraponto, uma expansão do uso dos falantes para denominar qualquer indivíduo bobo.

Portanto, é possível afirmar a permanência, na língua portuguesa contemporânea, de *trouxa* como embrulho de carga e como nome que nomeia e/ou qualifica o que ou quem é bobo. Mesmo com a força que o item *trouxa* ganhou como alguém facilmente enganado e suas derivações, que serão apresentadas na tabela a seguir, pode-se verificar a manutenção do significado etimológico do item.

<sup>12</sup> O significado de “doce de ovos” e “pênis” estão diretamente ligados ao sentido etimológico da palavra, pois apresentam uma forma bastante aproximada de *trouxa* e não os indicamos. Um único autor apresenta o significado de “telhado”, Silva (1789), o que não deixa de ser surpreendente, já que é difícil correlacionar a sua forma e/ou características com a de uma trouxa.



## 5 ANÁLISE E RESULTADOS

A partir da coleta dos dados feitas no *CdoP* e no *Twitter*, foi possível organizá-los da seguinte maneira:

Tabela 1 - Ocorrências de *trouxa* e cognatos nos *corpora*.

Corpus	<i>CdoP</i> (s. XIII a XVIII)	<i>CdoP</i> (s. XIX)	<i>CdoP</i> (séc. XX)	<i>Twitter</i> (2012-2020)	Total
Item*	N.	N.	N.	N.	
<i>Tro(u/i)xa(s)</i>	27	138	97	1885	2147
<i>Tro(u)xinha(s)</i>	6	2	7	1176	1191
<i>Tro(u)xona(s)</i>	0	0	0	1096	1096
<i>Tro(u)xice(s)</i>	0	0	0	919	919
<i>Tro(u)xão/ões</i>	0	0	0	879	879
<i>Tro(u)xco(s)</i>	0	0	0	640	640
<i>Entro(u)xada(o)(s)</i>	2	0	0	640	642
<i>tro(u)xada(s)</i>	0	0	0	419	419
<i>Entro(u)xar e conjugações</i>	7	5	2	284	298
<i>Tro(u)xinbo(s)</i>	0	0	0	211	211
<i>tro(u)xismo(s)</i>	0	0	0	185	185
<i>Tro(u)xita(s)</i>	0	0	1	157	158
<i>tro(u)xel/eis</i>	0	0	0	86	86
<i>Tro(u)xe-mo(u)xe</i>	0	0	5	52	57
<i>trou(u)xelo(s)</i>	0	0	0	46	46
<i>Tro(u)xazita(s)</i>	0	1	0	1	2
<b>Total</b>	<b>42</b>	<b>147</b>	<b>111</b>	<b>8676</b>	<b>8976</b>

Como se pode ver, *trouxa* é o item mais frequente, em relação a seus cognatos, em todos os cortes temporais feitos. No entanto, enquanto que nos sécs. XIII-XVIII e XIX todas (27/27) as ocorrências (ocs.) de *trouxa* se referem a um embrulho, 27/27 e 138/138, respectivamente, no século XX, a frequência cai para 68% e no séc. XIX cai para 48%.

No caso de *trouxinha*, todas as poucas ocs. ao longo dos períodos observados no *CdoP* se referem a embrulho. Quando o *Twitter* é analisado, vemos uma maioria de uso com o significado de “bobo”.

Os demais termos são pouco frequentes no *CdoP*, indicando sua fraca presença na língua escrita.

Vale a pena ressaltar o caso do verbo *entrouxar*: apesar de sua pouca frequência, está presente desde o primeiro recorte (7 ocs.), mas vai diminuindo ao longo do tempo. Nas 14 ocs. encontradas, em todas elas ele se refere ao ato de embrulhar algo e nunca o de fazer alguém de bobo, ao contrário do *Twitter*.

O *Twitter* demonstra a vitalidade de *trouxa* e seus cognatos com o significado de *bobo*/alguém que se deixa enganar facilmente, na língua informal, como demonstram os exemplos abaixo:

- (12) Há mulheres **trouxas**, como também há Homens **trouxos**! (*Twitter*, 2018)
- (13) Uma **trouxa** fazendo **trouxiço** (*Twitter*, 2019)
- (14) Eu sou tão **trouxa** que eu me canso da minha **trouxiço**. (*Twitter*, 2019)
- (15) É sério, vamos botar na mesa a maior **trouxiço** de cada um e decidirmos juntos quem é o mais **trouxa**. (*Twitter*, 2019)
- (16) **Trouxa, troucha, troxa, troicha** (*Twitter*, 2019)

O *trouxa* seria, então, aquela pessoa que se deixa enrolar, embrulhar, manipular como fazemos com roupas ao transformá-las ou colocá-la em uma *trouxa*.

Mas também encontramos o uso no significado etimológico:

- (17) Tô aqui tentando descobrir como que se mexe com essa **trouxa de roupa**
- (18) Indo lavar uma **trouxa de roupa** e depois fazer a minha mala pra deixar guardadinha
- (19) Vá caçar uma **trouxa de roupa** para lavar que terá mais utilidade
- (20) Senhor, daí-me forças pra lavar aquela **trouxa de roupa**

Há, no entanto, poucos casos em que eles se referem a um embrulho, até mesmo porque o uso de *trouxas*, pelo menos no meio urbano, onde se presume que viva a maioria dos usuários do *Twitter*, diminuiu bastante devido à sua substituição por malas, caixas e afins, objetos menos presentes nos séculos passados.

Uma inovação curiosa é o significado criado para o item *trouxeis*, que denomina uma língua falada por pessoas que são *trouxas*:

- (21) Eu falo português e **trouxeis** sou muito bilíngue baby. (*Twitter*, 2018)
- (22) Quantos idiomas você fala? - **Trouxeis**, idiotéis, português (*Twitter*, 2018)

Apesar da pejorativação evidente do termo, no caso dos diminutivos em encontramos uma nuance diferente, muitas vezes irônica, até carinhosa, usando-se inclusive um “portunhol”:

- (23) Mano, o ódio que to sentindo não é normal, vo pegar minhas **trouxinhas** e ir embora da vida de uma vez (*Twitter*, 2019)
- (24) Super **trouxinhas** e super poderosas hahahahah (*Twitter*, 2019)
- (25) No puedo, soy **trouxita** (*Twitter*, 2019)

- (26) Concentradita em n dar moral pra qm me faz de **trouxita** por puro fogo no rabito (*Twitter*, 2019)  
 (27) A **trouxita** da Stella veio dormir aqui de novo, minha linda (*Twitter*, 2012)

Encontrou-se também o uso recorrente de *trouxa* como adjetivo e como substantivo com carga pejorativa em diferentes textos:

- (28) Eu não melhorei porque eu não quis, se eu quisesse estava numa boa. Estou aqui de **trouxa** (*CdoP*, 1997)  
 (29) Era como se tivessem me puxado o tapete. Me senti um **trouxa** (*CdoP*, 1999)  
 (30) Já estava decidido, preparado para a renegociação, quando encontrou por acaso um **trouxa** que lhe disse ter visto uma cópia da outra parte do dístico. (*CdoP*, 1999)  
 (31) Se encontrasse a mulher bem. Se não encontrasse paciência. Não iria procurar. Iria é para casa. Afinal de contas era mesmo um **trouxa**. Quando podia não quis. Agora que era difícil queria. (*CdoP*, 1928)

Os usuários do *Twitter* demonstram conhecer os dois significados para o termo e brincam com a polissemia do item, fazendo piadas com seus significados possíveis:

- (32) Você não é roupa pra te fazerem de **trouxa** (*Twitter*, 2019)  
 (33) Prepara a **trouxa de roupa** seu **trouxa** (*Twitter*, 2019)  
 (34) **Trouxa** mas não de roupa (*Twitter*, 2019)

Encontramos um único caso do final do século XIX/início do século XX, em *CdoP*:

- (35) Um súdito austríaco reclamou da Saúde Pública uma indenização de 2:000\$000 de réis por uma trouxa sua que se extraviou por culpa daquela repartição. O dono da trouxa não é **trouxa**, nem nada; mas a Saúde Pública é que não vai no embrulho; o homem fica sem a trouxa e sem os dois pacotes. (*CdoP*, séc. XIX).

No *Twitter*, em geral, quando o usuário deseja sustentar o significado de ‘carga, embrulho de roupa’ utiliza o complemento ‘*de roupa*’. Percebe-se que o item em si, no passado, já carregava o seu significado completo, já que se pressupõe que uma trouxa seja um amontado de roupas, diferentemente de hoje, que se precisa de um complemento para que não haja distorção de significado.

O uso de aumentativos favorece ainda mais a carga pejorativa intrínseca do item (*Twitter*, 2019), muitas vezes usado na forma feminina, mas o gênero é masculino:

- (36) Ele super se acha, mas no fundo é mo **trouxão**  
 (37) Monark é mais um white que tem PLENA CONSCIÊNCIA racial e social, mas prefere fazer tweet de racismo reverso para ganhar visibilidade e os **trouxão** tão lá ajudando.  
 (38) Pareço um **trouxão** me preocupando com todo mundo  
 (39) não tem NADA nessa vida de leitora que eu ame mais do que ler o processo de duas pessoas se apaixonando [...], cada detalhezinho acaba me deixando muito boba, sou **trouxona**

- (40) Eu sou maior **troxona**, curto foto de mina direto que tb me segue e nunca curtiu a minha! kkkkkkk

Comprovou-se a carga sempre pejorativa tanto nos substantivos quanto nos adjetivos (*Twitter*, 2019):

- (41) Eu tentando entender se a pessoa realmente gosta de mim ou se me acha um coitado **trouxa**  
 (42) Sem jeito ficou esse **trouxa** aqui!

O fato de [+concreto] > [-concreto] não é surpreendente: conforme Traugott (1982), significados mais abstratos geralmente derivam de mais concretos e não vice-versa. Isto é, cognitivamente, seres humanos estão mais predispostos a partir do concreto para o abstrato.

Quanto à grafia do item, percebe-se, no *Twitter*, 47% das ocorrências com o ditongo *-ou-* e 53% com monotongação, reflexo da influência da língua oral sobre uma língua escrita informal e espontânea. Nos registros do *CdoP*, não foram encontradas formas monotongadas.

O segundo resultado obtido abordou a quantificação em relação às ocorrências semânticas do item: 52% do uso teve peso pejorativo e 48% dos casos permaneceram em seu significado primário de “trouxa de roupa”. Ambos terem alcançado quase o mesmo resultado em sua quantidade de uso possibilita afirmar que, mesmo com a expansão conotativa do item entre os falantes da língua portuguesa, o significado original não se perdeu. É nítido que ganhou um complemento para manter seu significado (*de roupa*), mas ainda é usado com grande frequência, inclusive entre os jovens e usuários das redes sociais e da linguagem coloquial.

Quanto à classificação morfológica dos itens, pode-se perceber facilmente, a partir da tabela 1, que a grande maioria de trouxa e cognatos é um nome, substantivo ou adjetivo. O uso do verbo *entrouxar*, independentemente de seu significado, é bem menos recorrente, assim como o particípio passado.

## 6 CONCLUSÃO

O item *trouxa*, encontrado na língua portuguesa escrita pelo menos a partir do século XV, encontra-se, na língua contemporânea informal, com bastante vitalidade de formas, especialmente aquelas com função de nome. Seus usuários preservam seu significado etimológico de embrulho/carga – apesar de o contexto de meio urbano não favorecer o uso de trouxas, mas sim de caixas, malas e afins – e usufruem também do significado abstrato de *pessoa boba*, que é facilmente ludibriada. A mudança semântica pela qual passou *trouxa* é um bom exemplo da asserção de Ulmann (1964, p. 438): “Sejam quais forem as causas que produzam a mudança, deve haver alguma ligação de significado, alguma *associação*, entre o significado novo e o novo.” No entanto, se, com o passar do tempo, cargas/embrulhos em forma de trouxa deixaram de existir, ou serem de uso muito restrito, os usuários podem deixar de fazer essa “associação”. Por enquanto, infere-se que o usuário que emprega o termo trouxa como “bobo” ainda saiba que o termo pode se referir, também, a embrulho/carga. O item só aparece com o significado de bobo na escrita do início

do século XX, o que não nos impede de acreditar que já existiria na língua oral informal antes disso. Nossa hipótese inicial se confirma: *trouxa*, inicialmente um substantivo sem conotação pejorativa, passa a ser usada com mais frequência como adjetivo de valor pejorativo. Apesar de haver necessidade de ainda mais avanço dos estudos sobre o objeto de nossa demonstração, esperamos ter contribuído no estabelecimento de um paradigma para o estudo da evolução do léxico da língua portuguesa, levando-se em conta o nível semântico, principalmente.

## REFERÊNCIAS

Bluteau R. Vocabulário Portuguez & Latino. v. 7. Coimbra: Collegio Das Artes Da Companhia De Jesu, 1712 - 1728. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5441>. Acesso em: 6 jul. 2020.

Borba FS. Dicionário de usos do português do Brasil. São Paulo: Ática; 2002.

Borba FS. Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil. São Paulo: Editora da Unesp; 1990.

Bréal, M. Essai de sémantique. Paris: Hachette, 1897. Disponível em: [https://fr.wikisource.org/wiki/Essai\\_de\\_S%C3%A9mantique](https://fr.wikisource.org/wiki/Essai_de_S%C3%A9mantique). Acesso em: 6 jul. 2020.

Bueno FS. Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa. v. 8. São Paulo: Brasília; 1974.

Cançado M. Manual de semântica. São Paulo: Contexto; 2013.

Cunha AG. Dicionário etimológico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1982.

Cunha AG. Vocabulário histórico-cronológico do português medieval. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa; 2014. v. 2.

Corominas J. Dicionario crítico etimológico de la lengua castellana. Madrid: Gredos; 1954. v. 4.

Davies M. Corpus do português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/>; Acesso em: 6 jul. 2020.

Fernandes F. Dicionário brasileiro Globo. São Paulo: Globo; 1995.

Ferreira ABH. Novo dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1975.

Figueiredo C. Novo dicionário da língua portuguesa. Lisboa: Portugal Brasil; 1913.

Frege G. On sense and reference. Tradução de: Über Sinn und Bedeutung, *Zeitschrift für Philosophie und philosophische Kritik* NF 100, p. 25-50. 1892. Disponível em: <http://www.scu.edu.tw/philos/98class/Peng/05.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2020.

Freire L. Dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: s/e; 1940. v. 5.

González González M. Dicionario da Real Academia Galega. Tabernas: Real Academia Galega; 2012. Disponível em: <https://academia.gal/dicionario>. Acesso em: 6 jul. 2020.

Halliday MAK, Hasan R. Cohesion in English. London/New York: Longman; 1995 [1976].

Heckler E, Back S, Massing E. Dicionário etimológico da língua portuguesa. São Leopoldo: Unisinos; 1984.

Houaiss, A. Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa. Versão 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva; 2009. 1 CD-ROM.

Lakoff G, Johnson M. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press; 1980.

Lorenzo L. Sobre cronologia do vocabulário galego-português. Vigo: Galaxia; 1968. apud DDGM Dicionario de dicionarios do galego medieval. Disponível em: <http://sli.uvigo.es/DDGM/index.php>. Acesso em: 6 jul. 2020.

Moreno A, Cardoso Jr., Machado JP. Grande dicionário da língua portuguesa. Lisboa: Confluência; 1949. v. 11.

Nascentes A. Dicionário da língua português. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional; 1967. v. 4.

Pereira B. Prosodia in vocabularium bilingue. Évora: Tipografia da Academia, 1697. Disponível em: <http://clp.dlc.ua.pt/Inicio.aspx>. Acesso em 6 jul. 2020.

Pinto LMS. Dicionario da Língua Brasileira por Luiz Maria da Silva Pinto, natural da Província de Goyaz. Ouro Preto: Typographia de Silva; 1832. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5414>. Acesso em: 6 jul. 2020.

Real Academia Española: Dicionario de la lengua española, [versión 23.3 en línea]. Disponível em: <https://dle.rae.es>. Acesso em: 10 jan. 2020.

Riemer N. Semantic variation and change. In: \_\_\_\_\_. *Introducing Semantics*. Cambridge: CUP; 1982. p. 370-422.

Rubim BC. Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dicionarios da lingua portuguesa. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro: Emp. Typ. Dous de Dezembro de Paula Brito Impressor da Casa Imperial; 1853. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3886>. Acesso em: 6 jul. 2020.

Silva AM, Bluteau R. Dicionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro. Lisboa: Na Officina de Simão Thadeo Ferreira; 1789. v. 2. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5413>. Acesso em: 6 jul. 2020.

Sweetser E. *From Etymology to Pragmatics*. Cambridge: CUP; 1990.

Taunay AE. *Lexico de lacunas, subsidios para os dicionarios da lingua portuguesa*. Tours: E. Arrault; 1914. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/6962>. Acesso em: 6 jul. 2020.

Traugott E. On the Rise of Epistemic Meanings in English: An Example of Subjectification in Semantic Change. *Language*, 65, 1989, p. 31-55. Disponível em: [https://www.jstor.org/stable/414841?read-now=1&seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/414841?read-now=1&seq=1#page_scan_tab_contents). Acesso em: 6 jul. 2020.

Traugott E. From positional to textual and expressive meanings. In Lehmann, W.; Malkiel, Y. (Eds.). *Perspectives on Historical Linguistics*. Amsterdam: Benjamins; 1982. p. 263-314.

TWITTER. Disponível em: <https://twitter.com/login?lang=pt>.

Ulmann S. Mudança de significado. In \_\_\_\_\_. *Semântica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; 1964. p. 401-492.

Viaro ME. Etimologia. São Paulo: Contexto; 2011.

Viaro ME. Manual de etimologia do português. São Paulo: Globo; 2013a.

Viaro ME. Uma breve história da Etimologia. Filologia e linguística portuguesa, São Paulo, v. 15, n. spe., p. 27-67, dez. 2013b. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/flp/article/view/82818>. Acesso em: 6 jul. 2020.

Victorri B, Fuchs C. La polysémie. Paris: Hachette; 1996.

Vygostki LS. Pensamiento y lenguaje. In \_\_\_\_\_. Problemas de Psicología General; Obras Escogidas. v. 2. Madrid: Visor, 1993; p. 11-348. [1934]